Editorial

A urgência das questões Queer e Trans no Brasil atual

É com alegria que fechamos mais uma edição dos Cadernos de Gênero e Diversidade, dando continuidade ao processo de transição editorial iniciado em 2024. Este número reúne artigos submetidos antes do encerramento de submissões no ano passado, muitos dos quais dialogam com temáticas trans e queer — campos que têm despertado crescente interesse em diversas áreas disciplinares e mobilizado pesquisadoras(es) a partir de múltiplas perspectivas teórico-conceituais.

Apesar de já consolidadas nos Estudos de Gênero e Sexualidade no Brasil, as reflexões em torno das experiências trans e queer ganham novos contornos e força nos últimos anos. O trabalho pioneiro de Hélio (Lili) Raym Silva, com Travesti: a invenção do feminino, publicado no início dos anos 1990, marcou o início de um campo que se expandiu com vigor a partir dos anos 2010. Um marco importante nesse percurso foi a realização da I Conferência GLBT, em 2008, quando a sigla ainda continha apenas quatro letras e o posicionamento do “L” foi tema de intensos debates. De lá para cá, a sigla se ampliou significativamente, e a pauta trans tornou-se central tanto nas lutas por direitos quanto nas produções acadêmicas. Hoje, lideranças trans são algumas das vozes mais visíveis e articuladas no ativismo LGBTQIAPN+ brasileiro.

Dessa conferência também resultaram importantes resoluções, como o reconhecimento do uso do nome social por pessoas trans em instituições de ensino e no sistema de saúde pública — uma conquista que hoje se consolida como prática em muitos espaços. É nesse diálogo entre ativismo e produção acadêmica que a teoria queer ganha potência, e é também sob essa perspectiva que reunimos os textos desta edição dos Cadernos de Gênero e Diversidade.

Esta edição conta com seis seções: Artigos, Entrevista, Seção Temática, Ensaios, Resenhas e Obituário.

Abrimos com cinco artigos que abordam temas relacionados à teoria feminista e queer, à equidade de gênero, maternidade e homofobia recreativa.

No primeiro artigo, *Descolonizar o Queer: uma Proposta Feminista Decolonial*, Ana Claudia da Silva Abreu traz uma reflexão teórica sobre feminismo, decolonialidade e teoria queer.

Na sequência desta proposição teórica, temos o artigo de Danni Conegatti, *Performatividade Butleriana: a Crítica (Neo)Materialista e as Respostas em sua Teoria,* que tem como foco a problematização do conceito já muito conhecido de "performatividade" proposto pela teórica lésbica norte-americana Judith Butler nos anos 1990 para problematizar o uso do conceito de gênero, pensando as identidades como um teatro no qual sujeitos se produzem, a partir do olhar e expectativa dos outros, na vida cotidiana.

No terceiro artigo, *A aplicabilidade do controle de convencionalidade pelo STF para a promoção da igualdade de gênero de mulheres no Brasil*, Aline Andrighetto e Vitória Santana dos Reis trazem uma importante contribuição do campo do Direito, ajudando-nos a entender o significativo papel que o Supremo Tribunal Federal tem cumprido no recente período democrático em prol da concretização da igualdade de gênero no Brasil contemporâneo.

Miguel Ferreira Júnior, Danilo de Freitas Araújo, Renata Figueiredo Anomal e Thaiza Teixeira Xavier Nobre, no quarto artigo, intitulado *O desvelar da mãe atípica solo,* problematizam duas temáticas de grande atualidade nas Teorias Feministas: a questão da Maternidade e os Estudos Interseccionais de Deficiência.

No quinto e último artigo desta seção, *Humor na superfície, discriminação nas entrelinhas: a piada como elemento de estigmatização de corpos transgressores da cisheteronormatividade,* Cristian Silva Tavares de Moura e Camila Miranda de Amorim Resende realizam uma análise meticulosa da utilização do humor como dispositivo de violência simbólica contra pessoas LGBTQIAP+. O estudo se debruça sobre episódios do programa "Escolinha do Professor Raimundo" (1990–1995), com foco no personagem "Seu Peru", interpretado por Orlando Drummond, para evidenciar como a comicidade popular pode encobrir discursos profundamente discriminatórios, travestidos de inocência ou neutralidade cultural.

A segunda parte deste número é dedicada à temática trans. Esta se inicia com a **entrevista** com Sara Wagner York, realizada especialmente para este número dos Cadernos de Gênero e Diversidade, que nos traz elementos fundamentais para entender o aporte da presença de intelectuais e ativistas trans no espaço acadêmico, ativista e na comunicação no Brasil.

Na **seção temática** *Experiências, subjetividades e direitos trans no Brasil contemporâneo,* organizada por Francisco Cleiton Vieira e Arthur Leonardo Costa Novo, apresentamos um conjunto interdisciplinar de oito artigos que, em sua diversidade de temas de pesquisa, desvelam boa parte das principais problemáticas que têm emergido nos estudos trans e travestis no Brasil desde o final dos anos 1990, nas Ciências Humanas e Sociais e no campo da Saúde Coletiva.

Iniciamos com o artigo *Transição de gênero: linguagem, contextos e experiências de uma geração no Brasil*, em que Francisco Cleiton Vieira descreve e analisa a categoria "transição de gênero", que passou a ser empregada no final da década de 2010 para se referir a processos individuais e sociais de mudança de gênero. O autor aponta, a partir de uma pesquisa etnográfica em Natal e São Paulo, para as dinâmicas não apenas identitárias, mas para as transformações geracionais de um grupo social de jovens que coincidiram sua entrada na vida adulta com a mudança de gênero, de modo a perceber como a expressão esteve aliada à emergência da categoria "homem trans" no Brasil e a investigar os efeitos sociológicos de se pensar esse processo como uma *transição*.

Também refletindo sobre a "transição de gênero", *"O nome que eu sou": Pessoa, gênero, relacionalidade e os sentidos da nominação de sujeitos trans,* de Arthur Leonardo Costa Novo, analisa como sujeitos trans constroem a identificação com um novo nome alinhado à sua identidade de gênero e passam a vivê-lo socialmente. Os dados, resultantes de pesquisa de campo etnográfica de inspiração multisituada, realizada em João Pessoa, Recife, Natal e São Paulo, evidenciam que a *transição* de nome não ocorre apenas a partir de uma decisão individual ou por meio da alteração do registro civil, mas por processos interacionais e afetivos. Estes envolvem adensamento, diluição, transformação e atualização de vínculos sociais de família e/ou amizade, constituindo Pessoas-Indivíduos no movimento de deslocamento na ordem de gênero.

No terceiro artigo da seção temática, *Territorialidade, prostituição travesti e artivismo na voz de Linn da Quebrada*, Letícia Carolina Boffi e Manoel Antônio dos Santos debruçam-se sobre a arte como prática de ativismo, forma de fazer política cultural que é característica do campo da diversidade de gênero e sexualidade e que vem sendo renovada por uma nova geração de artistas trans e travestis. A partir da análise documental da composição “Mulher”, da cantora, compositora, atriz e "agitadora cultural" Linn da Quebrada, os autores demonstram como a música, produzida a partir das subjetividades trans e travestis, é uma prática de resistência às violências que travestis e sujeitos trans vivenciam cotidianamente.

No artigo "Vivências *da demissão para pessoas transgênero: uma investigação narrativa”* Samuel Osório Ribeiro da Silva e Marcio Pascoal Cassandre realizam uma importante contribuição para a compreensão da situação de empregabilidade de pessoas trans. Enfrentando situações preconceituosas, trabalhadores trans são estigmatizados em seus locais de trabalho ao indicarem viver a transição de gênero, o que explica em grande parte a dificuldade de manutenção de um emprego. O artigo analisa especificamente como os preconceitos e discriminações operam no processo de demissão de pessoas trans, a partir de entrevistas com sujeitos trans que passaram pela experiência de demissão involuntária em uma cidade no interior do Paraná.

Os quatro trabalhos que completam a seção temática compreendem análises sobre saúde trans. Esse tema tem crescido vertiginosamente nos estudos acadêmicos brasileiros, principalmente devido à mobilização social em torno da criação estatal de serviços de saúde hábeis em supervisionar biomedicamente a transição de gênero em termos clínico-cirúrgicos, bem como devido ao debate em torno da despatologização das identidades trans e do acesso à hormonização e às cirurgias.

No artigo *Invisibilização das transmasculinidades na saúde: Considerações a partir do perfil sociodemográfico de homens trans e pessoas transmasculinas vinculados a um serviço especializado no sul do Brasil*, Guilherme Lamperti Thomazi e Gabriela Tizianel Aguilar, discutem sobre um ambulatório público pioneiro no atendimento a pessoas trans, debruçando-se sobre as demandas e características de homens trans e pessoas transmasculinas que têm buscado o serviço desde a sua criação.

Enquanto autores de ambos os artigos anteriores estavam preocupados com a dimensão ambulatorial da saúde trans, cenário que tem sido privilegiado nas pesquisas e na mobilização política, o penúltimo artigo desta seção temática busca uma direção diferente. Em *Atenção Primária à Saúde e o atendimento às pessoas trans e travestis: uma proposta de Educação Permanente em um Centro de Saúde da Família em Sobral - Ceará,* Thamyles de Sousa e Silva, Beatriz Alves Viana, Juliana Vieira Sampaio, Deni Elliot Noronha Lopes, Isabela Cedro Farias e José Rogers Winchester de Sabóia refletem sobre a importância da formação continuada em diversidade de gênero e sexualidade entre profissionais de saúde da Atenção Primária à Saúde. A partir da realização de uma oficina entre os trabalhadores, os autores indagam-se sobre as explicações para a dificuldade erigida para o acolhimento de pessoas trans na porta de entrada do SUS. Ao identificar um grande desconhecimento sobre diversidade de gênero, os autores apontam para a necessidade de um atendimento mais humanizado e ético, apontando a urgência de formação sobre gênero e sexualidade no campo da saúde.

No mesmo sentido do artigo anterior, assinam o texto *Cuidado transcultural na assistência de enfermagem à comunidade LGBTQIAP+: revisão de escopo* Natália Cristiane Silva Pereira, Janine de Araújo Ferro, Samuel Miranda Mattos, Jameson Moreira Belém, José Arnaldo Moreira de Carvalho Junior, José Wicto Pereira Borges e Antonio Werbert Silva da Costa. O grupo de autores e autoras constatou lacunas na formação universitária transcultural na área de gênero e diversidades que impossibilitam uma adequada e respeitosa atenção às pessoas com identidades sexodissidentes. O trabalho é uma revisão bibliográfica sobre como os estudos da Enfermagem têm abordado a temática LGBTQIAP+.

E por fim no artigo *A prevalência da hormonioterapia não assistida na população transgênero: um estudo realizado em um ambulatório especializado de Florianópolis*, Rodrigo Martins e Rose Marie Mueller Linhares buscam definir o contexto de acesso à hormonização, através de um estudo com dados coletados de quase 500 prontuários eletrônicos. O artigo é uma importante contribuição para compreender a dimensão da desigualdade social que tem acompanhado essa dinâmica farmacológica, uma vez que os usuários têm um perfil de

solidão em relação ao apoio familiar e ao contato com profissionais de saúde.

Continuando a temática trans, a seção de **ensaios** traz também dois textos que ampliam o corpus temático deste número.

No primeiro ensaio, intitulado *Política e carnaval: como narrar a militância ancestral de Fernanda Benvenutty,* Silvana de Souza Nascimento conta como conseguiu traçar a trajetória da ativista e artista paraibana Fernanda Benvenutty. Com uma escrita que aproxima, escuta e respeita a densidade subjetiva de sua personagem, a autora abraça os entrelugares da intimidade, da ancestralidade e da luta política cotidiana, tornando sua escrita também ato militante — um gesto ético e estético de reconhecimento e celebração.

O segundo, de Carlos Henrique Ben Gonçalves, *Discurso em disputa e transindividuação: sentidos de paternidade e masculinidade na campanha da Natura,* que a partir da observação de redes sociais, analisa batalhas discursivas em torno dos significados da paternidade provocados pelo boicote proposto por um pastor evangélico à uma campanha publicitária do dia dos pais, protagonizada por um homem trans.

As duas **resenhas** deste número contribuem também para conhecermos livros que abordam questões queer e trans.

A primeira resenha dialoga com o ensaio sobre Fernanda Benvenutty e o livro de Silvana Nascimento. Sob o olhar sensível de Carlos Henrique Duarte Araújo, que mescla crítica e homenagem em seu texto, é revisitada a trajetória política de Benvenutty com foco em suas vivências pessoais e nos desejos que moldaram — e continuam a moldar — sua atuação como liderança travesti na Paraíba. A resenha destaca a análise feita pela autora sobre a tensão fecunda entre memória e futuro, mostrando como a história de vida de Benvenutty não é uma narrativa concluída, mas uma constelação em expansão.

Já a segunda resenha, *Arqueervos escuiresidos:: práticas trans-formativas na desobediência radical e filosófica negra,* de Katharine Nataly Trajano Santos e Cristina Scheibe Wolff, oferece uma leitura atenta e engajada da obra *ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero,* de abigail Campos Leal. A resenha nos conduz por uma paisagem textual em que crítica, filosofia, performance e militância se fundem em uma escrita de fronteira. O livro — que reúne 12 textos

produzidos entre 2016 e 2019 — constitui um gesto de desertar não apenas da norma cishetero, mas também das formas tradicionais de se pensar e escrever o mundo.

Por fim, é com muita tristeza que compartilhamos na nova seção dos Cadernos de Gênero e Diversidade, **obituário**, nossa homenagem à Professora Mara Lago, que faleceu em 2 de junho de 2025, em Florianópolis.

Agradecemos a colaboração de Cristian Alejandro Darouiche e Guilherme Ceolin, bem como o apoio do CNPq, da IUAES Commission, e dos núcleos de pesquisa NIGS, NAntS e Tirésias, fundamentais para a realização desta edição.

Miriam Pillar Grossi - Coordenadora Editorial
Arthur Leonardo Costa Novo
Francisco Cleiton Vieira
Izabela Liz Schlindwein
Priscilla Gusmão
Editoras/es do número 2- 2025